

LEISHMANIOSE VISCERAL

**DIALOGANDO COM VOCÊ
MÉDICO-VETERINÁRIO
DE CAMPINAS**

VAMOS CONVERSAR?

EDIÇÃO 1: OUT/2018

1. Leishmaniose Visceral (LV). O que é?

É uma infecção zoonótica que afeta animais e o ser humano, causada por protozoário do gênero *Leishmania*, e transmitida por insetos conhecidos como flebotomíneos. Canídeos silvestres desempenham o papel de reservatório no ciclo silvestre e rural, enquanto o cão doméstico é considerado o mais importante reservatório no ciclo urbano da doença.

2. Quais os vetores conhecidos da *Leishmania infantum* hoje no Brasil?

Os flebotomíneos *Lutzomyia longipalpis* em todo o Brasil, e o *Lutzomyia cruzi*, este último presente em alguns municípios do Mato Grosso do Sul, foram identificados até o presente como vetores competentes da LV no Brasil. Pesquisas recentes com carrapatos e pulgas de cães infectados não foram capazes de demonstrar a competência vetorial desses ectoparasitas para a transmissão da *Leishmania infantum*.

3. Existem vetores da LV em Campinas?

Levantamentos entomológicos identificaram a presença da *Lutzomyia longipalpis* nos Distritos de Sousas e Joaquim Egídio, em um ponto do bairro Fogueteiro, na divisa com Indaiatuba, e em um ponto na divisa com Monte Mor.

4. Existem casos de LV registrados em Campinas?

Desde 2007 vêm sendo registrados casos importados de LV canina no município, oriundos do Brasil e do exterior. A partir de 2009, casos autóctones começaram a ser diagnosticados no Distrito de Sousas. No biênio 2016-2017, foram notificados oito casos importados e 25 autóctones de LV canina.

5. Quais as áreas de transmissão de LV canina em Campinas?

Casos importados têm sido notificados por todo o município mas, até o momento, somente foi verificada a transmissão autóctone numa faixa restrita dos Distritos de Sousas e Joaquim Egídio, em zona rural. Recentemente, um surto de LV canina foi investigado na zona rural de Valinhos, junto à divisa com Joaquim Egídio.

6. Há transmissão humana de LV?

Até o momento, não foram notificados casos humanos de LV autóctones do Município de Campinas.

7. Qual a importância do gato na cadeia de transmissão da doença?

Embora os felinos possam se infectar e até adoecer, ainda não há estudos que comprovem o seu papel como reservatório urbano ou fonte de infecção em área endêmica para LV.

8. Por que não há transmissão de LV na zona urbana de Campinas, como ocorre em municípios do oeste do Estado de SP?

Os casos caninos autóctones de LV no Município foram registrados na zona rural e silvestre. Da mesma forma, o inseto vetor (*Lutzomyia longipalpis*) foi encontrado apenas na zona rural e silvestre. Pesquisas realizadas na área de transmissão demonstraram a circulação de *Leishmania infantum* em fauna silvestre e nos vetores capturados nos remanescentes florestais, indicando que a doença está sendo transmitida dentro de um ciclo silvestre em Campinas, e não em um ciclo urbano, como o que é verificado na região oeste do Estado.

9. Qual o critério de caso suspeito canino?

Segundo a Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, o cão que apresente pelo menos um dos três seguintes sintomas:

- a. Descamação (mais frequente na região periocular e bordas da orelha);
- b. Úlceras de pele (geralmente nas extremidades);
- c. Onicogribose (alongamento das unhas).

Associado(s) a dois ou mais dos seguintes sintomas:

- d. Ceratoconjuntivite;
- e. Coriza;
- f. Apatia;
- g. Emagrecimento;
- h. Diarreia;
- i. Hemorragia intestinal;
- j. Vômitos;
- k. Edema de patas;
- l. Paralisia das patas posteriores;
- m. Caquexia.

10. Como é feita a confirmação de caso canino de LV?

A Secretaria de Estado da Saúde considera como caso confirmado de LV canina o cão reagente em dois exames sorológicos qualitativos: o teste de Imunocromatografia (TR-DPP®) e o ensaio de imunoabsorção enzimática (Elisa). Esses exames sorológicos são realizados pelo Instituto Adolfo Lutz, quando da notificação de caso suspeito. Independente da realização de exames em laboratórios particulares, é necessário o envio de amostras para o laboratório de referência (Adolfo Lutz) para confirmação ou descarte do caso.

11. Em que momento deve ser feita a notificação do caso suspeito?

A notificação do caso deve ser realizada a partir da suspeita clínica do animal pelo médico-veterinário, independentemente da realização prévia de exames laboratoriais aos quais o animal tenha sido submetido.

12. Como fazer a notificação de cão suspeito de LV?

Todos os cães suspeitos para LV devem ser notificados à Unidade de Vigilância de Zoonoses (UVZ). O médico-veterinário pode realizar a notificação pelo e-mail saude.zoonoses@campinas.sp.gov.br, remetendo a “Ficha de Notificação e Investigação de cão com suspeita de Leishmaniose Visceral Americana”, disponível na página da UVZ em:

http://www.saude.campinas.sp.gov.br/saude/unidades/zoonoses/form_notif_LVA.pdf.

13. Após o recebimento da notificação, qual é o procedimento adotado pela UVZ?

Um profissional da equipe técnica da UVZ entrará em contato com o médico-veterinário que notificou o animal suspeito para condução do caso, incluindo a necessidade de agendamento junto ao tutor para coleta de sangue do animal, submetendo a amostra do soro ao teste de triagem DPP e envio ao Instituto Adolfo Lutz para processamento do Elisa. Os exames para diagnóstico da LV são gratuitos.

A partir do laudo emitido pelo IAL, a UVZ contata o estabelecimento veterinário para passar essa informação. De acordo com o preconizado atualmente pelo Ministério da Saúde, nos casos de animais sororreagentes para LV, o tutor deve ser abordado para procedimento de eutanásia. Caso opte pela realização do tratamento do cão pelo médico-veterinário, esse animal, sob responsabilidade formal de seu tutor, deverá ser mantido permanentemente sob o uso de método repelente ao vetor da LV e monitorado pela UVZ.

14. Existe tratamento para LV canina?

Os Ministérios da Agricultura e da Saúde, em 2016, autorizaram o registro do produto miltefosina para tratamento de cães com LV. Esse fármaco pode ser prescrito por médicos-veterinários, que devem monitorar o animal tratado. O tratamento com o fármaco deve ser sempre feito com o uso concomitante de produtos com efeito repelente ao inseto vetor de LV.

15. Basta a vacinação para obter a total prevenção da LV canina?

Não há medida preventiva que garanta a proteção de 100% dos cães contra a infecção. Recomenda-se para cães da área de transmissão a combinação de diferentes métodos preventivos. Existe atualmente um único imunobiológico registrado no Brasil para imunização contra LV canina. Caso a opção do tutor seja pelo uso da vacina, esta deve ser associada ao uso constante de coleira impregnada de deltametrina a 4% ou de outros produtos repelentes desenvolvidos especificamente para a prevenção da LV, bem como ao manejo ambiental no domicílio para inviabilizar e evitar a formação de criadouros do vetor.

16. A Leishmaniose Tegumentar Americana, que ocorre em nossa região, também é uma zoonose e também tem o cão como reservatório urbano?

A Leishmaniose Tegumentar Americana é uma zoonose cujos reservatórios são animais silvestres de variadas espécies, e assim como na LV, o cão pode se infectar e até adoecer. Há estudos que sugerem que o cão possa atuar como amplificador potencial da disseminação do parasito (*Leishmania braziliensis*), porém não há até o momento comprovação de seu papel como reservatório urbano ou fonte de infecção ao homem.

Campinas, outubro de 2018

**Em caso de dúvidas, ligue para
a Unidade de Vigilância de
Zoonoses de Campinas**

3245-1219



PREFEITURA DE
CAMPINAS

SECRETARIA
DE SAÚDE

DEVISA

DEPARTAMENTO DE
VIGILÂNCIA EM SAÚDE

COORDENADORIA SETORIAL DE
VIGILÂNCIA DE AGRAVOS EM DOENÇAS

SETOR DA UNIDADE DE
VIGILÂNCIA DE ZOOSE (UVZ)